

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE MEDICINA

DANIEL BASILE VELLOSO DE
OLIVEIRA

Análise crítico-reflexiva da graduação em medicina
na UFSCar: uma perspectiva pessoal.

São Carlos -SP
2023

DANIEL BASILE VELLOSO DE OLIVEIRA

ANÁLISE CRÍTICO REFLEXIVA DA GRADUAÇÃO EM MEDICINA NA UFSCAR:
Uma perspectiva pessoal.

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Departamento de Medicina da Universidade Federal de São Carlos como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Medicina.

Orientadora: Aline Guerra Aquilante

São Carlos-SP
2023

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Centro de Ciências Biológicas e da Saúde

Folha de aprovação

Banca Examinadora

Trabalho aprovado em: 19 de janeiro de 2023.

Profa. Dra. Aline Guerra Aquilante

Docente do Departamento de Medicina da UFSCar

Basile Velloso de Oliveira, Daniel

Análise crítico-reflexiva da graduação em medicina na UFSCar: uma perspectiva pessoal / Daniel Basile Velloso de Oliveira -- 2023.
21f.

TCC (Graduação) - Universidade Federal de São Carlos, campus São Carlos, São Carlos
Orientador (a): Aline Guerra Aquilante
Banca Examinadora: Aline Guerra Aquilante
Bibliografia

1. Medicina. 2. Análise. 3. Crítico-reflexiva. I. Basile Velloso de Oliveira, Daniel. II. Título.

Ficha catalográfica desenvolvida pela Secretaria Geral de Informática(SIn)

DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Bibliotecário responsável: Ronildo Santos Prado - CRB/8 7325

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho àqueles que participaram ativamente no meu desenvolvimento, direta ou indiretamente. Aos meus pais, Lucas e Isabel em especial, aos meus irmãos, Gabriel e Raquel. Sem vocês, absolutamente nada seria possível.

AGRADECIMENTO

Colocar na “ponta do lápis” todos aqueles que tiverem um papel importante nessa conquista não é um trabalho fácil, pois envolve, para além do esforço da memória, sentimentos que estão geralmente adormecidos. Acordar esses sentimentos requer muitas lágrimas e emoções. Mas aqui vai minha tentativa.

Deixo aqui meus mais sinceros agradecimentos à minha mãe Maria Isabel, que sem a sua dedicação, perseverança e fé de que tudo iria dar certo, nada disso estaria acontecendo. Ao meu pai, Esterlito Lucas, que sem a sua racionalidade, foco e confiança na educação, eu não teria a visão de mundo que tenho hoje. Sem vocês, o Daniel médico, amante do canto, emotivo e consciente sociopolítico não existiria, meu microcosmo seria pó.

Agradeço profundamente meus irmãos Gabriel e Raquel, que sem o apoio emocional e financeiro de ambos, minha vinda e permanência em São Carlos não seria possível. Dedico esse trecho em especial à minha avó Edith, quem me apresentou a perspectiva humanista e empática ao ser humano, algo que tanto falta em nossas bolhas.

Não poderia esquecer meus amigos de graduação e parceiras de grupo de internato Maria Beatriz e Aline Primon, que estiveram comigo e compartilharam dos momentos mais marcantes e importantes que um acadêmico de medicina poderia ter, e para além do academicismo, foram minhas companheiras leais de vida nessa cidade. Reservo um espaço especial ao meu colega de apartamento, Lucas D’angelo, que leva consigo o título de pessoa que mais me aturou ao longos desses últimos 4 anos, algo que não é fácil. Crescemos juntos, vivenciamos e nos apoiamos nos nossos momentos de altos e baixos, seja em nossas vidas pessoais ou profissionais.

À toda minha família e amigos, aos meus professores que abriram minha mente e meus horizontes, que me fizeram me apaixonar ou não pelas áreas médicas, aos profissionais que estiveram presentes em todo o momento da minha vivência enquanto estudante, seja na universidade ou nos serviços de saúde.

Aos trabalhadores da saúde que bravamente atuam no SUS, que tiram forças, paciência e coragem para trabalhar e atender aqueles que mais precisam, esse país só estará no caminho certo quando vocês forem devidamente reconhecidos.

Meu mais sincero obrigado!

RESUMO

Este trabalho, segundo o projeto pedagógico do curso de Medicina da UFSCar¹, visa promover uma análise crítico-reflexiva do estudante sobre seu período de graduação. Serão abordados aspectos pré, inter e pós curso, explorando o que levou o autor pela escolha do curso, os desafios que teve que enfrentar durante a vida acadêmica e a conclusão desse processo. O texto está dividido em etapas em ordem cronológica pelas quais o autor viveu.

Palavras-chave: Análise. Crítico-reflexiva. Medicina. UFSCar.

SUMMARY

This paper, according to the pedagogical project of the UFSCar Medicine course, aims to promote a critical-reflexive analysis of the student about his graduation period. Pre, inter and post course aspects will be addressed, exploring what led the author to choose the course, the challenges he had to face during his academic life and the conclusion of this process. The text is divided into stages in chronological order through which the author lived.

Keyword: Analysys. Critical-reflexive. Medicine. UFSCar.

LISTA DE SIGLAS

UFSCar – Universidade Federal de São Carlos

USP – Universidade de São Paulo

SiSU - Sistema de Seleção Unificada

TUSCA – Taça Universitária de São Carlos

ISTs – Infecções sexualmente transmissíveis

SUMÁRIO

A ESCOLHA	11
A ADAPTAÇÃO	13
O PROCESSO	15
INTERNATO	18
ATIVIDADES COMPLEMENTARES	20
CONSIDERAÇÕES FINAIS	20
REFERÊNCIAS	21

A ESCOLHA

É verdade que nunca fui aquela criança que sempre sonhou em ser médico. Aliás, pelo contrário, eu gostava mesmo de construção civil, sempre admirei as obras de grandes prédios, pra mim aquilo era um parque de diversões, me encantava em pensar como a obra se mantinha de pé, em como o cimento era feito e de que forma ele se consolidava para sustentar toda a estrutura. Lembro de dizer constantemente à minha mãe, na inocência e pureza de uma criança, que gostaria de se pedreiro. Ela prontamente respondia “você quer dizer engenheiro civil, não é, filho?”, e eu, é claro, não entendia bem o porquê.

Com o passar dos anos e com o avançar da vida acadêmica, pude compreender melhor a formação das profissões e carreiras, e de uma coisa eu tinha certeza, a área das exatas era a que eu tinha mais afinidade. Já no ensino médio pude experimentar um pouco mais de perto dessa ideia, pois ao prestar a prova de ingresso ao Instituto Federal de São Paulo, ingressei concomitantemente ao curso técnico em mecânica, cuja ementa se aproximava de uma iniciação à engenharia. Foram quatro longos anos nessa empreitada, conciliava as matérias de ensino médio juntamente com as do ensino técnico, tinha acesso a laboratórios enormes, maquinaria mecânica de chão de fábrica, professores engenheiros, programas de computador de automação e controle, eu estava no paraíso.

Mas foi quando eu iniciei um estágio em 2015 que a realidade recaiu sobre mim. Ali eu abri meus olhos para qual seria o meu futuro como engenheiro. Na área de projetos de engenharia e planejamento financeiro, tinha como colegas de trabalho estagiários e chefes das escolas mais renomadas de engenharia do país, tais como a Politécnica de São Paulo da USP, Universidade Estadual de Campinas, Universidade Estadual de São Paulo e Mauá. Como de praxe de qualquer escritório, minha rotina era pacata, sem muitas emoções, meu trajeto até o trabalho era o mesmo de sempre, era como se eu já soubesse o que aconteceria todos os dias quando saía de casa. Pra mim, isso era torturante.

Nesse momento da minha vida, a ambição de me tornar engenheiro se esvaía, o brilho que a profissão tinha para mim se ofuscava, e me vi numa situação um tanto preocupante, pois até aquele momento, eu vinha trilhando todo um caminho que já estava direcionado, e mudar os rumos da minha vida não estava nos planos.

Entrei numa crise interna tentando entender o que faria da minha vida após sair do estágio, qual curso eu prestaria nos vestibulares, uma vez que tinha decidido que não faria mais engenharia. Passaram na minha cabeça algumas ideias, e

Direito era uma delas, tenho um certo apreço pela oratória, então me era uma carreira de interesse. Mas senti que precisava de um desafio maior, e por influência de um amigo da escola que sempre quis ser médico, decidi dar uma chance para a tal medicina e me inscrevi numa palestra de ex-alunos da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo e da Escola Paulista de Medicina da Universidade Federal de São Paulo num cursinho de São Paulo, local onde nasci, cresci e vivi.

Esse foi meu primeiro passo rumo à aprovação no vestibular, onde foi plantada a semente. A partir desse momento, minha história não se difere muito do comum, foram dias e noites estudando por mais de um ano até a aprovação.

A ADAPTAÇÃO

A cidade de São Carlos já era conhecida por mim, meu primo havia se formado em Engenharia Aeronáutica na USP em 2015, e eu ouvi falar na vida universitária sancarlense e no TUSCA diversas vezes, mas é fato que eu nunca planejei estudar no interior.

Com a abertura das inscrições pelo SiSU, e por não ter passado nas segundas fases dos vestibulares de São Paulo, as universidades fora da capital paulista passaram a ser uma opção, e a Universidade Federal de São Carlos a principal delas, tanto por uma questão de proximidade dos meus pais, quanto pela qualidade de ensino. Optei pela UFSCar como minha primeira escolha, e demorei para processar quando recebi a notícia de que eu havia conseguido a vaga em fevereiro de 2017.

A princípio, eu não tinha noção do tamanho e importância da universidade, e me surpreendi quando, junto à minha mãe, me deparei com o portão de entrada. Embarcamos num ônibus na rodoviária Tietê para vir fazer a inscrição, e não tínhamos ideia do que me esperava nos próximos seis anos.

Da inscrição ao início das aulas foram quase 2 meses de espera. Nesse período conheci meus colegas de turma e veteranos através das redes sociais, encontrei com quem dividir apartamento, conheci melhor a cidade e sua infraestrutura e comecei meu processo de adaptação ao que seria minha vida dali pra frente. Foram momentos intensos, tudo muito novo, o medo e a ansiedade se misturavam, e o sentimento de vida nova prevalecia.

Ao iniciar as atividades da graduação, eu e minha turma tivemos um processo de imersão no curso, aprendemos o que eram as Situações Problema, como seriam realizadas as Estações de Simulação e a tão aguardada Prática Profissional, os pilares da graduação em medicina na UFSCar. Parecia tudo muito incipiente, como se as coisas não se conectassem de fato, pois a metodologia de ensino fugia completamente do que estávamos acostumados. Me lembro de me perguntar se eu havia feito a escolha certa, pois naturalmente estava muito inseguro, era a percepção dos meus colegas também. Mas o tempo passou, as bases do conhecimento foram se estabelecendo, e o medo foi indo embora.

O primeiro ano é, sem dúvida, um experimento ao aluno, digo no sentido de ser um momento de autoconhecimento e entendimento sobre o meio em que estamos inseridos, sendo crucial o julgamento de querer ou não continuar na empreitada da graduação em medicina. Somos expostos a uma grande quantidade

de conteúdo a ser estudado, a cargas horárias de atividades que parecem incompatíveis com o mundo real, e concomitantemente à vida extracurricular, que por vezes é muito mais chamativa ao discente.

Precisei criar disciplina para poder vivenciar todos os ambientes que a universidade me proporcionava, desde aulas às festas, pois tudo era muito interessante, e eu não queria perder nada. Como resultado, eram dias exaustivos, pois estava sempre comprometido com alguma obrigação, e sem dúvida, foi a melhor escolha que pude ter feito, pois hoje, quando penso no que vivi, não me arrependo de nada.

O PROCESSO

Viver a vida acadêmica é um desafio e tanto, uma eterna montanha-russa, cheia de altos e baixos, que nos exige dedicação, compromisso, descanso e responsabilidade, e acredito que soube viver num bom equilíbrio desses princípios.

Nunca fui o “melhor aluno”, essa definitivamente não era minha ambição, queria poder “curtir” o processo sem a cobrança interna e externa de competitividade porque isso me fazia mal, de nada me interessava ser melhor que meus colegas. Mas ao mesmo tempo, me policiava a ser um estudante que me orgulhasse, sabendo tirar proveito do conhecimento que eu estava exposto diariamente e também aproveitar a vida como um universitário.

O curso proporciona aos alunos saber conviver entre si no desenvolvimento das atividades, então estivemos em constante rotação de grupos ao longo dos 4 primeiros anos nas 3 atividades obrigatórias. Foram nesses espaços que aprendi a tolerar o diferente, a aprender com o outro, a passar conhecimento adiante, a me interessar por assuntos específicos, e tentar aprender sobre aquilo que não me era tão interessante.

Desde a base de conhecimento ao ato médico, os ciclos I e II, que compõem do 1º ao 4º ano, proporcionaram a mim e aos meus colegas experiências únicas, nos prepararam para o tão sonhado internato, e nos colocaram diante da certeza de que estávamos no caminho certo. É no segundo ciclo que começamos a ter mais autonomia como estudante, quando somos conduzidos a realizar atendimento médico em áreas básicas, onde adquirimos a habilidade de se relacionar e se comunicar com o paciente, algo que à princípio parece tão simples, mas que logo se mostra um processo extremamente complexo e repleto de nuances. Apesar das frustrações, o processo é prazeroso e recompensatório, temos momentos de epifania e angústia que moldam o profissional que estamos nos tornando.

Nesse momento também tive a oportunidade de realizar estágios externos em áreas de interesse individual, chamados Estágios Eletivos. Pude conhecer os serviços de Ginecologia e Obstetrícia, Oncologia Clínica, Ortopedia, e aquele que mais me brilhou os olhos, a Cirurgia Geral. Foram essas oportunidades que me guiaram ao que almejo hoje, pois foi quando tive contato com o centro cirúrgico que encontrei o que entendo como realização pessoal, onde me senti à vontade e efetivamente fazendo a diferença na vida do paciente.

Ainda no terceiro ano de graduação, adentrei na empreitada da Iniciação

Científica² pelo Centro de Pesquisa em Fotônica do Instituto de Física da USP São Carlos por um ano, uma jornada que me trouxe pra perto da área da infectologia e do desenvolvimento tecnológico para tratamento de pacientes, em que abordei os aspectos clínicos das infecções bacterianas de tonsilas por *Streptococcus pyogenes*, um braço de uma pesquisa clínica de fase II que estudava a eficácia da fototerapia nesse tipo de infecção. Participei pessoalmente do desenvolvimento científico em uma área tão importante e relevante à sociedade, e tive reconhecimento acadêmico por isso, sendo selecionado a apresentar meu trabalho na segunda etapa do 28º Simpósio Internacional de Iniciações Científicas da USP e convidado a publicar meu trabalho em periódicos. Levo essa experiência com muito carinho e eterna gratidão.

Mas nem tudo são flores, com o fim do segundo ciclo de faculdade, veio a pandemia do coronavírus e todo o planejamento e desenrolar do 4º ano em diante de graduação foram prejudicados. Toda a universidade teve seu calendário totalmente paralisado a partir de março de 2020 por 6 meses inicialmente, atrasando a continuidade do ano letivo, e retomando as atividades através do sistema EaD apenas em agosto/setembro do mesmo ano, um sistema que ninguém estava acostumado, impondo a todos a necessidade de adaptação obrigatória, pois esta era a única forma de mantermos a educação superior funcionando.

Meses após a retomada das atividades, tivemos outra paralisação em fevereiro de 2021, também devido à pandemia, mas dessa vez relacionado à proibição por parte da prefeitura de trabalharmos presencialmente nos postos de saúde da prefeitura alegando que os estudantes ainda não estavam vacinados. Era um cenário de início das campanhas de vacinação, o clima era de muita incerteza e a pandemia não estava nada controlada, pelo contrário. Era compreensível o que estava acontecendo, mas não deixamos de ficar agoniados e com a sensação de impotência.

Diante dessa situação, eu e alguns colegas de diversas turmas do curso, nos reunimos em ambientes virtuais e articulamos planos para agilizar a vacinação dos estudantes da medicina UFSCar, dando prioridade às turmas mais velhas para a retomada das atividades o mais rápido possível. Depois de muito trabalho, de conversas com políticos influentes da saúde municipal, de convocações de audiência pública via Câmara Municipal dos Vereadores de São Carlos e articulações internas da universidade, a vacinação dos estudantes finalmente começou a acontecer, porém o retorno às atividades sofreu um atraso ainda maior.

Somente em julho de 2021, as atividades práticas da minha turma foram

autorizadas, e finalmente pudemos dar continuidade à graduação. Daí em diante, corremos contra o tempo, no intuito de completar o 4º ano e enfim, entrar no internato, os tão aguardados últimos anos da faculdade de medicina.

INTERNATO

Sinceramente, não sei descrever o quão gratificante é finalmente ser interno, depois de longos quatro anos de graduação interpelados por uma pandemia. O processo foi árduo, mas aconteceu.

Nesse período, seja no 5º ou 6º ano, somos divididos em cinco grupos para passar por cinco estágios das áreas básicas da medicina que nos proporcionarão a experiência e conhecimento para nos tornarmos médicos generalistas. O 5º ano definitivamente é o que mais exige do estudante, porque tudo é novo, aprendemos quase que do zero quais são as rotinas e ambientes dos hospitais, aprendemos a lidar com pacientes críticos de verdade, a realizar procedimentos que até então só víamos nos livros, participamos de cirurgias de pequeno, médio e grande porte, ficamos horas em pé instrumentando e auxiliando o cirurgião, fazemos reuniões clínicas de passagens de caso que duram manhãs inteiras, aprendemos a atender consultas ambulatoriais de diversas especialidades, entramos em contato com patologias diferentes todos os dias, cuidamos do doente de forma integral com apoio da equipe multiprofissional, compreendendo o valor dos demais profissionais de saúde

A minha maior surpresa foi a Pediatria pois tinha muito medo de não saber lidar com as crianças, de não saber sequer segurar um bebê, mas no fim, acabei o estágio com um aperto no coração, querendo continuar. Nesse ambiente aprendi a me comunicar com o mundo infantil, pude ver recém-nascidos vindo ao mundo e abrindo seus olhos pela primeira vez, tocando suas mães, se alimentando, respirando pela primeira vez, presenciei crianças doentes melhorando dia após dia, e fui contagiado com cada sorriso que elas me presenteavam, aprendendo com a pureza de cada uma. Não me esquecerei do sentimento de amor genuíno que a pediatria me trouxe, pois graças a ela, saí desse estágio mais humano do que entrei.

Ao iniciar o 6º ano, as cobranças já não são mais as mesmas, a sensação de quase formado é companheira diária, e o desespero do mundo real e desprotegido fora da universidade nos bate à porta incansavelmente. É um momento ainda sim de bastante aprendizado e consolidação do conhecimento, mas também de muita reflexão. Nos interrogam constantemente qual especialidade vamos seguir, quase que nos exigem ter certeza do que vamos fazer, mesmo sendo um momento de muitas dúvidas e conflitos internos. Passamos pelos estágios em clima de despedida, encerrando ciclos, na certeza de que o fim da graduação está cada dia mais próximo. Nesse momento, pude me aproximar mais do ambiente cirúrgico, me

identificando ainda melhor com aquilo que escolhi como especialidade, me adentrando à rotina, passando horas e horas em procedimentos, atendendo pacientes vítimas de trauma. Confesso que me sentia em casa, não nego.

O ambiente hospitalar nos molda como futuros médicos a todo momento, mesmo que não conscientemente. Dessa forma, o internato se torna exaustivo e recheado de descobertas individuais, onde nos apaixonamos por determinadas áreas e odiamos outras, nos acostumamos com um tipo de rotina e não nos adequamos tão bem a outras, entendemos a forma de se atender determinado tipo de paciente mas não compreendemos tão bem outros. E assim a vida continua.

Da Ginecologia e Obstetrícia à Pediatria, da Clínica Médica à Cirurgia Geral, da Atenção Básica à Saúde Coletiva, cada estágio continha 7 semanas de duração, que passavam lentamente, cobrando dedicação, esforço físico e emocional, o tempo todo, sem parar. Evoluções de enfermagem, atendimentos ambulatoriais, cirurgias eletivas ou de urgência, atendimento de pronto-socorro, plantões noturnos, plantões aos finais de semana. Ninguém falou que seria fácil, e realmente não foi. O processo se torna ainda mais difícil quando a exaustão física e mental já está no seu limite, mas seguimos firmes até o final. É assim em toda faculdade de medicina, não tinha como ser diferente nessa. A formação médica nos faz questionar, por diversas vezes, se é de fato isso o que queremos para as nossas vidas, mas hoje posso dizer, com tranquilidade na fala e calma na mente que, apesar de ter sido um caminho tortuoso, sem sombra de dúvidas foi o melhor caminho que eu poderia ter escolhido, e tudo valeu a pena, em honra e memória de cada paciente que cruzou pelo meu caminho e com quem pude aprender tanto.

ATIVIDADES COMPLEMENTARES

Além das atividades já citadas, destaco aqui minha participação nas Ligas Acadêmicas de Dermatologia e de Infectologia, onde além de ter sido membro, tive a oportunidade de desenvolver cargo como diretor de ambas, realizando campanhas de ação social à comunidade acadêmica e aos cidadãos sancarlenses de testagem de ISTs, produzir e organizar simpósios para divulgação científica com participação de pesquisadores importantes da área de infectologia e dermatologia, e realizar parcerias com empresas da área de cosmiatria.

No final do primeiro ano, ingressei na nova gestão do Centro Acadêmico da Medicina UFSCar, com o interesse de me envolver mais nas demandas políticas e sociais do quadro discente, mas me decepcionei com os rumos que a gestão estava trilhando, e optei por sair 5 meses após minha entrada.

Particpei também do time de vôlei da atlética do curso no meu primeiro ano pois sempre tive prazer em praticar esse esporte. Nesse mesmo ano, integrei a bateria de samba da atlética de medicina e da UFSCar, e me descobri um amante dessa vertente musical, mantendo essas atividades como escapes do mundo acadêmico e um descanso à mente, e preservando esse costume até os dias de hoje.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando reflito sobre minha trajetória, o sentimento que prevalece é de orgulho e sensação de dever cumprido, pude aproveitar cada oportunidade que a universidade pública pode me oferecer, cada ambiente privilegiado que frequentei, cada aprendizado consolidado. Sou eternamente grato a todos que participaram direta ou indiretamente da época mais importante da minha vida, me ensinando, conduzindo e se dedicando para eu me tornar o médico com olhar centrado à pessoa que sou hoje.

REFERÊNCIAS

1. CCBS. Curso de Medicina . Projeto Político Pedagógico. [S. l.], 2007. Disponível em: <https://www.dmed.ufscar.br/arquivos/projeto-pedagogico-2007>. Acesso em: 10jan. 2023.
2. OLIVEIRA, Daniel Basile Velloso de e BLANCO, Kate Cristina. Avaliação clínica de estudo clínico de fase II: tratamento de faringotonsilites com ação fotodinâmica. 2020, Anais.. São Paulo: Universidade de São Paulo - USP, 2020. Disponível em: <https://uspdigital.usp.br/siicusp/siicPublicacao.jsp?codmnu=7210>. Acesso em: 19 jan. 2023.